



O CAMINHAR COMO MÉTODO ANTROPOLÓGICO PARA CONHECER A CIDADE E SEUS PRATICANTES

THE WALK AS ANTHROPOLOGICAL METHOD TO KNOW THE CITY AND ITS PRACTITIONERS

Juliano Batista dos Santos¹

Resumo

O presente artigo é o relato de uma experiência de caminhar pela cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso; mas não só. Nele, existe a preocupação em contemplar teorias antropológicas, sociológicas e filosóficas capazes de elucidar relações entre os cidadãos e a urbe, entre próprio eu e demais transeuntes (passantes e errantes). Além do mais, há também o cuidado em mostrar que o caminhar opera como método antropológico cognitivo à compreensão e apreensão de uma cidade outra; uma urbe que não conhecemos quando estamos na condição de passante, donde a importância de se deixar errar para conhecer a cidade e seus praticantes. Algo que aqui é tratado como ação, mecanismo e/ou artimanha sutil indispensável ao estabelecimento e corporificação do eu como parte integrante e viva da cidade onde habitamos.

Palavras-chave: Cuiabá, Caminhar, Antropologia.

¹ Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT – Professor de Filosofia do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT – julianojbs@gmail.com

Abstract

This paper presents an experience of walking in the city of Cuiabá, capital of Mato Grosso, but it reveals more. The paper presents the concern expressed by contemplating anthropological, sociological and philosophical theories capable of elucidating the relations between citizens and the city, between myself and other passers-by (passers-by and errant). Above and beyond, there is also the care in presenting that walking operates as an anthropological cognitive method to the understanding and apprehension of another city; a city that we don't know when we are as the passer-by participants, in which context, the importance of letting to get lost to know the city and its participants is required. Somewhat that this paper characterizes as an action, mechanism and / or subtle artifice indispensable for the establishment and embodiment of the self as an integral and living part of the city in which we inhabited.

Keywords: Cuiabá, Walk, Anthropology.

1. INTRODUÇÃO

Os errantes ordinários, mais do que quaisquer outros cidadãos, são os que melhor praticam e conhecem a cidade. Eles não são como os distraídos passantes que olham a cidade à distância, sem com ela se envolver. Pelo contrário, eles são componentes dos cenários urbanos e veem a cidade além “dos limiares onde cessa a visibilidade” (CERTEAU, 1998, p. 171), por isso nenhum espaço luminoso ou opaco escapam às suas percepções e presenças (SANTOS, 1996). Cada um deles, a sua maneira, subverte a fachada social disponível para sua atuação cínica ou sincera (GOFFMAN, 1999).

Praticar a errância não nos torna um errante da/na vida ordinária. Todavia, permite que eu (ou qualquer outro sujeito) conheça na cidade onde moramos, uma cidade outra; uma cidade que dificilmente é percebida quando se está devidamente domesticado, quer dizer, com o corpo acelerado e a mente ocupada. Escapar à manipulação deste grande titereiro que são os fatos sociais não é fácil. É necessário cortar os cordéis que nos controlam como marionetes, para então conseguirmos olhar e enxergar o que antes não víamos: os detalhes, as expressões e os desdobramentos da vida cotidiana urbana.

Minhas errâncias pelo Centro Norte da capital duraram pouco mais de seis meses², tempo suficiente para contemplar todos os dias da semana em diferentes horários do dia. Para ser mais preciso, o único período que não pratiquei a errância foi da meia-noite às 5 horas da manhã. Essa decisão baseou-se no conselho de três moradores de rua que conhecem muito bem os perigos da região:

Mineiro: De madrugada não. Nem eu que sou conhecido costumo passar [andar] à noite por aí. Ainda mais pros lado do Beco do Candeeiro. Lá é o mais perigo porque fica perto do Casarão.

Carioca: Fica vivo. Dá bobeira não. Tá cheio de viciado rondando aqui. A maioria usuário de crack.

Polaco: *Cuidado!* [risos] (Caderno de campo, junho de 2016).

Atento as advertências, busquei no *Google* reportagens e estatísticas sobre a violência no município de Cuiabá, vindo a descobrir três fatos relevantes que me levaram a refletir sobre como garantir minha segurança quando *in loco*, a saber: Cuiabá é a 22ª cidade mais violenta do mundo (CUIABÁ..., 2016), é a 9ª capital mais violenta do país (SOARES, 2015) e o seu Centro Norte (local de minha pesquisa) é uma das três regiões com maior índice de criminalidade (3 REGIÕES..., 2013).

² As errâncias voluntárias foram praticadas entre o final do mês de junho e final do mês de dezembro de 2016.

Diante da possibilidade de agressões, furtos e roubos e, na pior das hipóteses, de latrocínio, adotei algumas medidas como precaução, todas inspiradas no conceito de aparência proposto por Goffman (1999). A ideia era transmitir aos desconhecidos a impressão de ser economicamente carente, com pouca ou nenhuma posse; alguém cujo risco de assaltar e ser pego pela polícia não vale a pena.

Para incorporar o personagem de sujeito carente, inspirei-me nos próprios moradores de rua. Deixei barba e cabelo crescerem e ficarem desarrumados para dar aparência de desleixo; passei a me vestir com roupas surradas, rasgadas, amarrotadas, manchadas e/ou sujas; como calçado optei por um tênis velho, encardido e com furos em uma de suas pontas; em minhas mãos, ou melhor, nas minhas costas apenas uma pequena mochila com o estritamente necessário à errância voluntária: lápis, caderno de campo, máquina fotográfica antiga, garrafa d'água, maços de cigarros, um pote pequeno de pinga³, identidade profissional e cinquenta reais em notas de dez, cinco e dois espalhadas pelos bolsos da calça ou bermuda.

Devidamente preparado, fui para os espaços públicos do Centro Norte de Cuiabá. Queria explorá-lo, do mesmo modo como um aventureiro se lança ao desconhecido sem saber ao certo o que encontrar. No entanto, diferentemente do aventureiro, eu já conhecia a geografia da região, não como um explorador que busca ficar atento aos mínimos detalhes, mas como um passante que pouco ou nada percebe já que sua visão é panorâmica, ou como diz Certeau (1998, p. 171, grifo do autor), “um simulacro ‘teórico’” que desconhece às práticas do dia a dia da cidade.

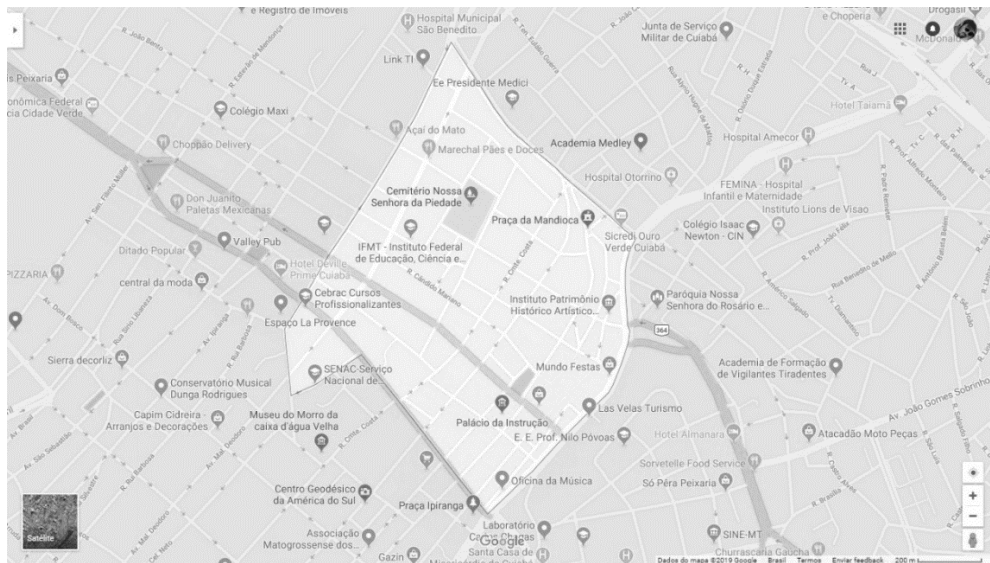
2. DEIXAR-SE ERRAR É O CAMINHO PARA CONHECER A URBE E SEUS PRATICANTES

Baseando-me nas ideias de errâncias urbanas, propostas pelos movimentos de flânquia, deambulação e deriva, pus-me a errar voluntariamente pela cidade de Cuiabá-MT, mais precisamente no Centro Norte (Cf. Figura 1). A região não foi escolhida por acaso. Nela há uma verdadeira miscelânea de paisagens arquitetônicas tradicionais que se misturam às edificações modernas; o fluxo de pessoas e veículos é intenso durante todo o dia e parte da noite; as praças, os calçadões e os becos são diariamente apropriados por diferentes errantes ordinários, mais frequentemente por ambulantes, *hippies*, flanelinhas, traficantes, prostitutas e moradores de rua.

³ Não sou fumante e não aprecio cachaça. Porém, sei que o cigarro juntamente com a cachaça são objetos criadores de reciprocidade positiva nas ruas; uma ponte às relações entre desconhecidos.

O primeiro dia de errância foi o mais difícil e confuso. Em minha mente predominava uma matriz teórica de como praticar a errância urbana; não conseguia pensar em outra coisa. Para piorar não sabia ao certo o que fazer, o que olhar, por onde andar, o que sentir. Pensava nos “homens lentos” de Milton Santos (1996, p. 220), nos “praticantes do espaço urbano” de Michel de Certeau (1998, p. 93) e nos “sujeitos corporificados” de Ana Paula Torres Ribeiro (2013, p. 31).

Figura 1 – Centro Norte: área hachurada.



Fonte: Google Maps, 2019.

Depois de muito caminhar, seguindo as três características fundamentais da errância: lentidão, desorientação e incorporação (JACQUES, 2012), percebi quão improdutivo estava sendo minha primeira experiência de errar pela cidade. No caminho de volta para casa, refletindo sobre o que aconteceu, dei-me conta de que fiquei tão entretido com meus pensamentos que mal conseguia lembrar os cenários aonde passei e os rostos das pessoas com quem cruzei. À noite, resolvi reler os meus fichamentos e anotações sobre o ato de caminhar pela cidade, como também li outros e novos artigos sobre o tema.

No dia seguinte, retornei ao Centro Norte para novamente tentar praticar a errância voluntária. Antes mesmo de estacionar, ainda parado em frente ao primeiro semáforo da Av. Presidente Getúlio Vargas, algo despertou a minha atenção, fazendo-me perceber que “corpo e cidade se configuram mutualmente e, que além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos” (JACQUES, 2008, p. 3) através do registro de experiências corporais gravadas em nossas memórias. Refiro-me aqui ao cheiro de churros que me fez lembrar o doce sabor que havia sentido no dia anterior (Cf. Figura 2);

sensação que me ajudou a compreender que para errar é preciso se envolver, se entregar à vida cotidiana e se deixar afetar pelo que nela acontece (Cf. Figura 3).

Figura 2 – Barraca de churros.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 3 – Apresentação de artista na praça.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

A partir de então, praticar a errância para conhecer uma cidade outra, deixou de ser um problema. Tanto é que depois de algumas semanas de caminhadas sem rumo e de leituras relacionadas à Antropologia Urbana, consegui entender porque Magnani (2002, p. 11, grifo do autor), propôs como etnografia urbana o “olhar *de perto e de dentro*”. Sua intenção é alertar os pesquisadores sobre a importância e riqueza de informações advindas da aproximação com os sujeitos observados e o acompanhamento de seus modos de vida.

Durante as errâncias, a minha segurança era prioridade. Ora ou outra, diante do que julgava ser perigoso, mudava de direção, acelerava os passos, evitava lugares desertos e escuros, escondia os aparelhos eletrônicos, entrava em estabelecimentos comerciais. Até cheguei a convidar algumas vezes o morador de rua Mineiro e o *hippie* Celso para me acompanhar, em razão de serem bem conhecidos na região; ambos aliás, frequentam a Praça da República a mais de uma década. Na primeira vez que os convidei, disseram-me:

Mineiro: Posso ir com você. Mas dependendo do lugar eu não vou não. Como moro na rua não quero problemas, vai que de noite alguém me dá uma paulada na cabeça quando eu estiver dormindo. Essa gurizada aí não tem dó não. Até roubaram minhas coisas de dormir que eu coloco ali [se vira em direção ao Correios e aponta o dedo para duas pequenas caixas de alvenaria com grades na parte superior trancadas com cadeados] (Cf. Figura 4).

Celso: Professor você não é maluco de br. Eu sei quem é maluco. Não vai entrando em qualquer quebrada não. Tem que saber. Quando escurecer eu vou dar uma volta contigo. Vou te mostrar um lugar bacana [risos] (Cf. Figura 5). Mas antes vou tomar uma dose [cachaça Jamel] (Caderno de campo, agosto de 2016).

Na companhia do Mineiro conheci mais sobre sua relação com alguns espaços da cidade, do que a cidade propriamente dita. Durante as nossas caminhadas (ao todo foram sete), quase todas ocorridas no amanhecer ou à noite, pude apreender através de suas lentes um outro

Centro Norte. Um que para alguns é visto como lugar propício para estar, para ocupar, para habitar quando não se tem onde morar.

Figura 4 – Caixas de alvenaria.



Fonte: Elaboração própria, 2016.

Figura 5 – Região com casas de prostituição.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Mineiro me levou a lugares e me mostrou coisas que dificilmente são percebidas por quem não vive nas ruas, mesmo quando olhados atentamente. Com ele, aprendi que as construções podem ser usadas para fins diferentes de seus projetos originais. Nas ruas, marquises viram tetos, bancos e papelões viram cama, vidros viram espelhos, escadas viram assentos, buracos nas paredes viram esconderijos, cantos escuros viram banheiros, móveis de madeira jogados no lixo viram fogueiras, cabos de vassoura viram armas. Também aprendi como escolher um lugar para dormir e que essa escolha depende de n fatores como calor, frio, chuva, ventos, dívidas, rixas; se é durante o dia ou à noite, se está bem ou mal, se está sóbrio ou bêbado.

Em comum nas nossas errâncias, havia a insistência do Mineiro sobre a importância de se estabelecer na região relações de reciprocidade positiva. Sempre que possível, ele fazia questão de me apresentar pessoas que julga serem confiáveis pelo fato de elas terem lhe ajudado pelo menos uma vez, como igualmente apontava para centros comerciais que lhe permitem usar o banheiro ou que lhe dão comida quando pede ou que juntam latinhas de alumínio para ele vender, ou que lhe contratam, por algumas moedas, para a execução de pequenos serviços⁴.

Na companhia do Celso, que ocorreu uma única vez e por pouco mais de quatro horas, o que mais chamou a minha atenção foi à história sobre chacina na Rua 27 de Dezembro, na Região do Beco do Candeeiro, onde três adolescentes foram assassinados por um policial

⁴ Indagado sobre a possibilidade de voltar a trabalhar como pedreiro, ter uma residência fixa e receber salário todos os meses, Mineiro simplesmente abaixa a cabeça e com um semblante triste diz que é “*alcoólatra e que gostaria de sair das ruas, mas...*” [neste ponto ele se cala e o silêncio acompanhado de um longo suspiro encerra o diálogo] (Caderno de campo, agosto de 2016).

militar em 1998, e, a impressionante escultura criada pelo artista plástico Jonas Lima Corrêa Neto em memória a essas vítimas (Cf. Figura 6). Escultura que conseguiu despertar em mim sensações que talvez tenham sido as mesmas sentidas pelas vítimas do massacre: medo, dor e súplica.

Figura 6 – Escultura em memória aos adolescentes mortos na Chacina do Beco do Candeeiro.



Fonte: Elaboração própria, 2018.

Na maior parte do tempo, de minha errância, eu caminhei sozinho. Às vezes atento e às vezes distraído. O fato é: andar sozinho me fazia lembrar trechos da canção *Ando só* composta por Humberto Gessinger (1991) vocalista da banda Engenheiros do Hawaii que em versos escreveu: “ando só / como se voasse em bando / ando só / pois só eu sei andar / sem saber até quando / ando só”. No entanto, não sentia solidão, apesar de preferir estar na companhia do Mineiro, mais pela questão da amizade, por um bom bate papo, pelos causos engraçados que gosta de contar, do que pela segurança.

É estranho como a gente se apegar a algumas pessoas. Parece-me que a afeição é em nós uma construção interior silenciosa que se revela de uma só vez por meio de sentimentos como preocupação e saudade. Também penso que é estranho às referências que estabelecemos entre pessoas e coisas. Quando sinto o cheiro do café torrado, por exemplo, lembro de minha avó materna, quando como pão de queijo lembro de minha mãe e quando ouço Legião Urbana lembro de minha esposa.

Poderia aqui prolongar com muitos outros exemplos, mas vou finalizar mencionando as coisas que me fazem lembrar o Mineiro. São elas: frio (que para ele é pior que a fome), fumo de corda triturado (porque ele não apreciava cigarros de maços), pinga engarrafada em pequenos

potes de aproximadamente 500 ml costumeiramente chamado pelos apreciadores da bebida de “carotinha” (por causa da cachaça da marca Carote), latinhas de alumínio descartadas no chão e em lixeiras (que é sua principal fonte de renda), canela em casca (para dar sabor a pinga) e a Praça da República (onde esconde seus pertences e passa a maior parte do tempo).

Errar sozinho era de fato diferente, porém não menos produtivo. Ao chegar ao Centro Norte estacionava quase sempre no mesmo lugar: em frente à Catedral Basílica do Senhor do Bom Jesus na Praça da República. Dali, aleatoriamente, eu partia sem rumo, dando preferência aos espaços pouco ou nada conhecidos. Às vezes tinha a impressão de mais do mesmo, como se a cidade fosse homogênea e seus cidadãos iguais.

Observava a tudo e a todos, não em busca de padrões como queriam os positivistas. A mim interessava o banal, o inusitado, o corriqueiro, o cotidiano. Algo muito bem representado em dois versos da letra da canção *Brixton, Bronx ou Baixada* do grupo O Rappa que, poeticamente, indaga sobre coisas relacionadas ao ordinário nas cidades ao escrever: “O que as paredes pichadas têm pra me dizer? / O que os muros sociais têm pra me contar?” (YUKA; MEIRELLES, 1994).

Para o sucesso de minhas errâncias, procurei me afastar do que Simmel denomina de ‘atitude *blasé*’, isto é, ação em que o sujeito, para se proteger das ondas de choque das metrópoles, torna-se reservado, fechado a contatos e aproximações; comportamento que “aos olhos da gente da cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados” (SIMMEL, 1973, p. 15).

Para Leite (2010, p. 739, grifo do autor) a “atitude *blasé* a que se refere Simmel seria uma espécie de escapismo autodefensivo a [...] uniformização do cotidiano que, embora necessária, geraria uma demasiada impessoalidade da vida urbana”, o que justificaria o distanciamento e anonimato entre os indivíduos nas grandes cidades, como no caso de frequentemente não conhecermos sequer “de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos” (SIMMEL, 1973, p. 17).

Conhecer a cidade implica em observá-la na presença de seus habitantes. Uma cidade vazia não revela como ela é praticada, basta pensarmos em lugares como *Teotihuacan* no México e *Machu Picchu* no Peru que outrora foram ocupados por sujeitos com costume diferentes dos nossos. Certamente podemos conhecer muito sobre esses lugares e seus moradores, mais pela cultura material do que pela imaterial. Entretanto, salvo por conjecturas, pouco ou nada sabemos sobre a vida corriqueira nessas cidades, sobre as banalidades de seus cotidianos tais como o preparo de pratos típicos, o horário das refeições, a forma de orientação espacial, os tipos de animais domésticos, a estrutura hierárquica nas relações familiares e civis, o modo de conservação dos alimentos, a divisão de tarefas, entre outras coisas.

Logo nos primeiros dias da errância, o que mais me deixou surpreso foram as novidades que percebi em cenários que já conhecia. Inúmeras construções que julgava abandonadas estavam ocupadas por sem-tetos; na maioria dependentes químicos muito jovens e de ambos os gêneros. Além deles, também me deparei com casais aparentemente com idade acima dos 30 anos, a grande maioria sem filhos. Pouquíssimos são os casais que optam por criar seus descendentes nas ruas ao invés de doá-los ou abandoná-los em orfanatos. Eu particularmente encontrei apenas dois casais que não abriram mão de seus filhos.

As únicas edificações aparentemente desocupadas no Centro Norte são as tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O que não significa que elas estão recebendo os devidos cuidados, visto que muitas estão pouco a pouco se deteriorando. Basta uma pequena volta pelo Centro Histórico para encontrarmos patrimônios materiais com fachadas desbotadas e pichadas, paredes derrubadas ou trincadas, portas e janelas quebradas ou arrancadas, grades enferrujadas, rebocos se soltando, forro de madeira caindo, portais apodrecendo, e entulhos/lixos se acumulando na frente e/ou no interior das edificações.

Segundo Mercuri (2015), o abandono de imóveis tombados pelo IPHAN no Centro Norte é hoje exceção e não regra. Apesar da falta de investimentos e da pouca ou nenhuma preocupação das autoridades públicas em sua conservação, uma quantidade satisfatória de casarões, casas, praças e igrejas antigas mantiveram-se bastante preservadas, mesmo após as intensas transformações e intervenções urbanas ocorridas principalmente entre os anos de 1950 e 1988.

Na época, se utilizava como justificativa para as demolições e descaracterização das fachadas originais à necessidade de revitalização das áreas comerciais da cidade a partir da construção de novos prédios (CONTE; FREIRE, 2005). Atualmente, o Centro Histórico de Cuiabá, em sua maior parte, é uma mistura entre o passado e o presente, entre o antigo e o moderno, entre o tradicional e o inovador.

Durante o caminhar, de tudo que vi, fotografei e toquei no Centro Histórico de Cuiabá, três coisas me emocionaram. Não pela aura das artes arquitetônicas. O que está em jogo são lembranças provocadas por situações que dificilmente ocorreriam fora de um Centro Histórico. A primeira ocorreu próximo à esquina entre a Rua Voluntários da Pátria e a Rua Pedro Celestino. Um senhor idoso, morador de uma casa tipicamente cuiabana, estava em uma das enormes janelas de quase dois metros de altura feitas toda em madeira e com trancas de tramelas.

Ao lado das janelas, havia uma porta de cerca de três metros de altura composta de duas folhas de abertura trancadas com corrente e cadeado (Cf. Figura 7). Tanto as janelas como

a porta ficam rentes à calçada, pois nas arquiteturas colonial portuguesa e neoclássica não há espaçamento entre as casas e as ruas, ambas se misturam compondo uma relação em que privado e público se confundem, uma vez que estar na janela ou na porta é estar ao mesmo tempo na casa e na rua.

Figura 7 – Frente: casarão antigo.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 8 – Frente: Salão Bom Preço.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Ver aquele senhor na janela rente à calçada de uma casa com mais de cem anos, transportou-me em pensamento para o final dos anos de 1980, período em que às vezes passava as férias escolares ou feriados prolongados na casa de meu avô paterno em uma pequena cidade, chamada Rifaina, no interior do estado de São Paulo.

Meu avô também costumava ficar na janela construída toda em madeira no casarão da família, olhando o movimento da cidade, cumprimentando pessoas e conversando com conhecidos. Seu prazer de estar na rua permaneceu até o seu falecimento. Quando perdeu a capacidade de ficar em pé sozinho apoiado apenas na bengala, pediu aos filhos para colocar na calçada, debaixo da árvore e no mesmo rumo de sua janela preferida, assentos para ele e as visitas. Vovô dizia que dentro de casa se sentia só e na rua não.

A segunda situação ocorreu quando caminhava na contramão do fluxo de veículos na Rua Engenheiro Ricardo Franco quase esquina com a Rua dos Bandeirantes. Entre as casas antigas havia uma com placa de fundo preta e letras brancas escrito “Salão Bom Preço” (Cf. Figura 8). Olhando para o seu baixo telhado, percebi que era lar de gente simples, pois nela só havia uma eira.

Lá dentro, em um mesmo espaço, dois ambientes: na frente uma barbearia e ao fundo uma sala. Na barbearia havia uma única cadeira, bastante antiga e fixada no chão. Suas cores desbotadas, seu estofado rasgado e algumas ferrugens indicavam muitos anos uso. Deu-me

vontade de entrar, conhecer mais sobre o lugar e seus moradores. Não obstante, pensei que chegar ali e começar a fazer perguntas era muito invasivo. Decidi então voltar no dia seguinte como cliente.

Eu sabia que aquela cadeira era a responsável pelo meu desejo de entrar naquele local. Talvez porque durante anos acompanhei meu pai aos domingos pela manhã a uma barbearia na Avenida Ortízio Borges, no Bairro Santa Mônica em Uberlândia-MG. Lembro-me que nele havia cinco cadeiras iguais a cadeira do Salão Bom Preço.

No dia seguinte, cheguei ao Salão Bom Preço pouco depois das 8 horas da manhã. Parei na entrada do salão, cumprimentei o barbeiro e seu cliente, e perguntei quanto custava fazer cabelo e barba. Ele me respondeu: “*Não faço mais barba. Tenho mais de 70 anos. Perdi a habilidade com a navalha. Às vezes tremo as mãos; é perigoso* [pausa, mostra as mãos trêmulas]. *Agora o corte de cabelo custa R\$ 15. Vamos entrar, fica à vontade*”. Ao entrar, sentei no sofá da sala e esperei a minha vez. Enquanto aguardava, fiquei a olhar mais para a cadeira e o barbeiro do que para os detalhes do lugar. Parecia que estava passando por um *déjà vu*.

Sentado na cadeira reconheci a marca Ferrante. Era a mesma marca das cadeiras da época em que acompanhava meu pai à barbearia em Uberlândia. Emocionado e surpreso comecei a puxar conversa com o barbeiro. Eu sabia que ele nunca tinha me visto por ali. Senti isso quando cheguei no estabelecimento. Seu semblante parecia um enorme ponto de interrogação.

Para quebrar a barreira da desconfiança, contei um pouco de minha história de vida, de como vim parar em Cuiabá, a profissão que exerço, onde trabalho e porque estava ali. Ele me chamou de pau-rodado e perguntou se já havia comido cabeça de Pacu. Eu sorri e disse que sim. Daí em diante a conversa se desenrolou naturalmente. Ao final, ele perguntou meu nome e se apresentou como Eurides.

Durante o corte de cabelo, conversamos sobre vários assuntos. De eleições municipais a seleção brasileira. O mais interessante nas conversas foi conhecer um pouco sobre a sua vida profissional que, depois da família, é entre tudo que realizou o que mais se orgulha. Eurides aprendeu seu ofício sozinho e quando ainda morava na roça. Saiu do campo direto para o exército na cidade de Cáceres-MT, onde atuou mais como cabeleireiro do que como soldado. Assim que deu baixa no serviço militar, mudou-se para Cuiabá e montou seu primeiro salão. Da juventude à velhice, afirma que são 53 anos na mesma profissão, sendo mais de 40 anos no mesmo local: Salão Bom Preço.

Cortar o cabelo em um salão inaugurado a mais de quatro décadas e com uma pessoa que conheceu tantas outras foi uma experiência maravilhosa. Além de trazer boas lembranças

de minha infância, fez-me, por um lado, perceber porque Walter Benjamin (1986) defende as narrativas de experiências como maneira de ensinar e de aprender e, por outro, reconhecer que o sentido da vida está nas ações e não nos pensamentos.

A terceira situação é certamente a mais banal. Ela se refere a uma placa comercial dos tempos em que o principal meio de transporte eram os cavalos e as carroças puxadas por equinos e bovinos. Nela, em meio às ferrugens, as palavras: “Ferreiro & Ferramentas”. Depois de lê-la minha imaginação desencadeou uma sucessão de ideias na tentativa de tentar enxergar como era a vida em Cuiabá nos períodos em que ela se concentrava ao redor do Córrego da Prainha.

Literaturas sobre a história da capital auxiliaram-me a enxergar como era o dia a dia de seus habitantes, o trânsito em suas ruas estreitas e de terra batida ou de macadame, as festas populares nos casebres, os jantares entre abastados nos casarões, as celebrações católicas que, excluía do interior das igrejas, negros, protestantes e pagãos, as praças onde pequenos agricultores comercializavam seus produtos e os cabarés frequentados por boêmios de todas as classes sociais (PÓVOAS, 1982; SIQUEIRA, 2002).

Olhar e compreender o que se olha em quaisquer epistemologias exige educação, formação. Um matemático vê coisas que um filósofo não vê, mas o oposto também é verdade. Até 2015, caminhar pelo Centro Histórico de Cuiabá era como caminhar em quaisquer outros lugares da cidade. Em 2016 minha percepção mudou após ler livros, capítulos, artigos e reportagens sobre a história de sua arquitetura. Passei a enxergar vida nas edificações antigas, a distinguir estilos arquitetônicos e a identificar poder social pelo tipo de beiral das casas.

Depois de caminhar e conhecer o Centro Histórico, passei a andar por outros locais do Centro Norte. Ir dos espaços com edificações coloniais para os espaços com construções modernas, ou pretensamente modernas, pareceu-me um erro. Além de não me seduzir na busca por informações sobre suas origens, estilos e objetivos, elas me provocavam tédio.

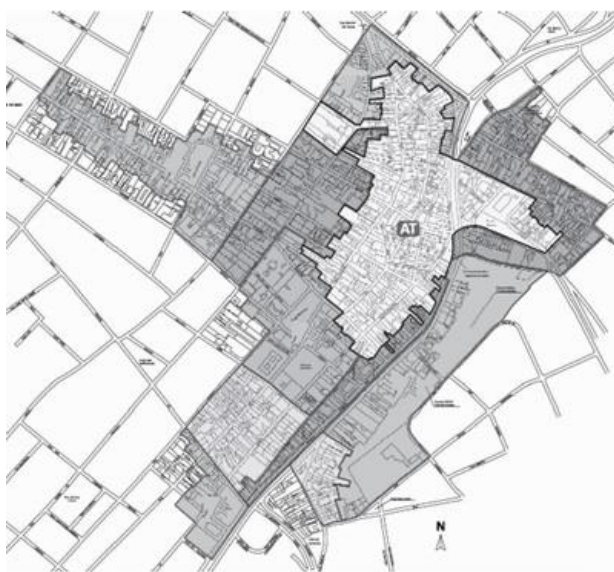
Ao olhá-las, via todas como iguais ou semelhantes. Achava tudo tão quadrado, cinza e liso, que passei a entender porque Serpa (2007), Jacques (2010) e Espinheira (2010) afirmam que a globalização homogeneizou as cidades ao eliminar as diferenças estéticas nas edificações contemporâneas.

Ironicamente há uma vantagem nisso. Não precisamos mais viajar pelo país e pelo mundo para conhecer as novas edificações. Elas são semelhantes, em todos os lugares, independentemente da cultura. Segundo Marcuse (1999) e Lacoste (1986) quem não cria, imita e nenhuma imitação é original, autêntica e única. Não é o caso, por exemplo, dos projetos do arquiteto Oscar Niemeyer (apud SUSSEKIND, 2012) que soube acrescentar nos padrões e

tendências da época sua individualidade, como ele mesmo explica: “Podem gostar ou não dos meus projetos, mas não podem dizer que já viram outro igual”.

Mesmo diante da frustração, não me deixei abater. Dei continuidade a minha errância procurando conhecer ao máximo todo o espaço geográfico que delimitei à pesquisa, apesar de às vezes ultrapassá-lo. A área de tombamento (Cf. Figura 9), que tanto me fascinou, corresponde a uma pequena parte do Centro Norte; todo restante é um conglomerado de áreas com velhas construções modernas e, principalmente, construções modernas mais recentes, com menos ou pouco mais de 50 anos (LEMOS, 2016).

Figura 9 – Área de Tombamento (AT): Centro Histórico de Cuiabá.



Fonte: Pedrollo, 2010, p. 21, adaptação nossa.

Durante a caminhada era comum eu ficar confuso diante de tantas misturas de épocas e estilos arquitetônicos. Passados alguns dias, parei de tentar enquadrar em mapas teóricos as mais variadas formas de edificações e passei somente a olhá-las como um viajante sem guias turísticos, horários e nem itinerários; alguém que por si só escolhe o que ver, pensar e imaginar (PAIS, 2009).

Quanto aos caminhos a trilhar, recorri ao mesmo conselho que o gato de Cheshire deu a personagem Alice no livro *Alice no país das maravilhas* (CARROLL, 2000, p. 45): “Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”. Tal conselho é perfeito à errância. Podemos interpretá-lo como siga em frente, não pare. Foi exatamente o que fiz. Em poucas semanas, após sucessivas caminhadas acabei, mesmo não sendo minha pretensão, identificando as ruas, avenidas e praças com maior circulação de transeuntes: passantes e errantes.

Por causa disso, nos últimos dias de meu caminhar antropológico, concentrei-me nos trajetos e lugares em que o fluxo de pessoas é mais intenso. Também passei a observar menos a cidade e mais o modo como ela é praticada⁵. Para tanto, deixei-me ser absorvido pela rotina desses cidadãos. Sabia que o dia a dia em que estava inserido não era o meu e que sua apreensão dependia do meu envolvimento com o espaço ocupado e seus errantes.

Aos poucos, fui estabelecendo laços de aproximação aleatórios. Fingia estar interessado em algo, parava para pedir informações, ora ou outra comprava um lanche e, quando possível, sentava-me ao lado dizendo estar cansado. Passados alguns dias, minha tática de aproximação se mostrou eficaz. Muitos ambulantes passaram a me cumprimentar e a não se incomodar com minha presença. Houve casos em que alguns me pediram para olhar as suas coisas. A princípio fiquei com receio e pensei em dizer não, porém resolvi arriscar. Cuidar dos pertences de terceiros reforçou os laços de confiança e a permissão para acompanhá-los de perto.

Em meio a eles e entre eles consegui perceber subversões aos bens racionalizados, presenciar situações comuns e atípicas, e identificar artes de fazer em oposição ao comportamento padrão dos habitantes das metrópoles. Refiro-me ao constante vai e vem nos espaços públicos urbanos que olhados por cima e de longe dão a impressão de não haver dissenso; não porque perdemos nossas individualidades, e sim porque as cidades modernas nos programaram para repetir o ontem hoje e o hoje amanhã, *ad infinitum*. Repetição que causa cegueira e automatização de nossas ações como nos explica Brandão (2014, p. 253) baseando-se nas teorias de Simmel (1973):

[...] os habitantes das grandes cidades são sistematicamente bombardeados por informações e estímulos variados que alteram seu sistema nervoso. Uma das consequências apontadas [...] é a perda sutil da sensibilidade que permite distinguir contrastes, diferenças, detalhes.

A subversão, própria do ordinário, tem a capacidade de ressignificar ações, espaços, objetos e usos. Sua intenção não é afrontar a ordem estabelecida, mas encontrar uma maneira de se adaptar as estruturas social, política e econômica vigentes. Entre as subversões, a informalidade é a mais comum no Centro Norte. Por meio dela, ambulantes se apropriam de calçadas, calçadões, praças, escadarias e becos para a comercialização de produtos e serviços. Entre os produtos, predomina a venda e o “consumo dos objetos *made in China*” (BRANDÃO,

⁵ Refiro-me a busca por astúcias sutis que só podem ser vistas, de acordo com Certeau (1998, p. 171, grifo do autor), “‘embaixo’ (*down*)”, quer dizer, no cotidiano.

2007, p. 106) e diferentes gêneros alimentícios; entre os serviços predomina os oferecidos por flanelas, engraxates, panfleteiros, cabeleireiras, manicures e esteticistas.

Entre os trabalhadores informais e os lojistas há uma tensão constante. Contudo, O maior problema e medo dos trabalhadores informais não são os lojistas; são os fiscais da prefeitura que quase sempre chegam de surpresa e com a ajuda da polícia confiscam o que podem, agravando ainda mais a precária condição de vida dessas pessoas, principalmente de imigrantes ilegais que, sem recursos financeiros, não veem outra alternativa de sobrevivência senão adquirir junto aos ambulantes mais antigos produtos a serem pagos após as suas vendas.

Para não serem pegos de surpresa pelos órgãos de fiscalização, a vigilância dos trabalhadores informais não se limita a olhar atentamente o que se passa ao redor. Os produtos à venda são expostos de modo que possam ser rapidamente recolhidos e carregados às pressas para longe das apreensões em andamento.

As artimanhas mais comuns para evitar ter seus produtos confiscados são: colocar uma quantidade de mercadoria pequena mas suficiente para servir de mostruário sobre um tecido que rapidamente possa ser transformado, com a união de suas quatro pontas, em uma trouxa⁶; prender artigos como óculos, pulseiras, cintos e carteiras em estruturas leves como isopor e papelões para que possam ser carregados com uma única mão; e, por fim, expor, dentro de malas e maletas, colares, anéis e relógios de modo que apenas fechá-las é o suficiente para pegar tudo e sair do local. Todo o processo é muito rápido e dura somente alguns segundos.

Segundo Certeau (1998, p. 19, grifo do autor):

Os mecanismos de resistência são os mesmos, de uma época para outra, de uma ordem para outra, pois continua vigorando a mesma distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvio servem ao fraco como último recurso, como outras tantas escapatórias e astúcias, vindas de ‘imemoriais inteligências’, enraizadas no passado da espécie, nas ‘distâncias remotas do vivente’ [...].

A tensão sentida pelos trabalhadores informais é constante. Ela fica ali à espreita, como um vulcão latente prestes a explodir. Os desentendimentos entre seguranças (e outros funcionários das lojas) com os ambulantes são frequentes. Na maioria das vezes apenas bate-boca. Quando algo mais grave está prestes a acontecer, como conflitos físicos, por exemplo, amigos, colegas e/ou conhecidos, também trabalhadores informais, rapidamente intervêm para evitar maiores problemas. O mais comum é ver os ambulantes cederem às pressões e migrarem para outros lugares, pois sabem que a presença da polícia traz prejuízos somente para eles.

⁶ Trouxa é um termo pejorativo informal usado para qualificar uma pessoa que é facilmente enganada. Trouxa também pode ser um fardo de roupa ou um embrulho com diferentes objetos.

A causa da tensão é decorrente da luta acirrada por clientes. Os artifícios para sua conquista são os mais variados. Vale gritar, oferecer brinde, convidar para entrar no restaurante, chamar para experimentar roupas e calçados, distribuir panfletos com promoções, anunciar venda por crediário e sem juros, segurar no braço do pedestre, formar grupo de jovens para ir às ruas oferecer cartão fidelidade com benefícios, colocar música alta com meninas dançando de modo sensual, oferecer exame oftalmológico gratuito sem a necessidade de um especialista, contratar radialistas para ficar anunciando promoções em caixas de alto-falante, se vestir de personagens animados (Homem-Aranha, Batman, Emília, Fada, Princesa) para atrair o interesse das crianças por doces, ficar na calçada anunciando refeições mais baratas. Vale até apelar para frases feitas como:

- ___ Venha conhecer a nossa loja. Tudo em promoção. Só hoje. Só hoje. Venha aproveitar as nossas ofertas. Você não vai acreditar... o gerente enlouqueceu!
- ___ Tudo baratinho. Quer comprar barato?! Venha conhecer.
- ___ Inacreditável! Tudo com até 70% de desconto. É isso mesmo, 70% de desconto!
- ___ Quatro meias R\$ 10. Três calcinhas R\$ 10. Duas cuecas R\$ 10.
- ___ Olha a água! Olha água! Água geladinha... só R\$ 2.
- ___ Cremosinho, cremosinho, cremosinho gostoso... é só aqui (Caderno de campo, setembro de 2016).

Na maior parte do tempo, a rotina da cidade segue seu curso. Às vezes somos surpreendidos por acontecimentos atípicos, como aqueles que ocorrem ao acaso e em alguma medida interferem na normalidade estabelecida. No período de minha errância presenciei dois deles, um provocado pela greve geral dos bancos e o outro pelas eleições municipais, ambos no ano de 2016. A greve dos bancários durou 31 dias (KASTNER, 2016) e trouxe aos comerciantes (formais e informais) considerável prejuízo econômico, especialmente aos vendedores que não aceitam pagamento na forma de débito e crédito.

Ao que tudo indica, durante a greve, os mais atingidos foram os ambulantes que comercializam alimentos. Houve de acordo com eles, uma redução drástica nas vendas. Para piorar, produtos perecíveis estavam se perdendo. Nem mesmo promoções atraíam consumidores. Frutas, salgados, doces, queijos estavam sendo jogados no lixo ao final do dia, o que para os moradores de rua era ótimo; um verdadeiro banquete.

Em um desses dias, Mineiro apareceu na Praça da República com um bolo inteiro de banana que encontrou em uma das lixeiras da Praça Alencastro. Ele ofereceu e o repartiu com seus colegas também moradores de rua. Em poucos minutos tudo acabou, o que me fez perceber que a fome não somente influencia no sabor dos alimentos, como também no modo comer.

Outro fato curioso é que de maio a outubro de 2016 houve um aumento considerável da informalidade no Centro Norte de Cuiabá; mas não só. Andando por outras regiões da cidade,

pude identificar novos pontos de comércio informais, principalmente a venda de gêneros alimentícios, especialmente salgados, pães, roscas, quitandas e churrasquinhos.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o aumento da informalidade em todo território nacional é reflexo da desaceleração da economia que trouxe consigo elevados índices de desemprego. Em Mato Grosso, a cidade mais afetada foi a capital. Sua taxa de desocupação alcançou 12,9% no 2º trimestre de 2016 (BAZANI, 2016).

Diante da redução dos postos de trabalho e da falta de perspectivas de retorno em curto prazo ao mercado formal, muitos indivíduos e famílias recorrem à informalidade para garantirem a sua sobrevivência. O problema é que o aumento da informalidade gera entre os antigos e os novos ambulantes uma relação de reciprocidade negativa. Os principais motivos são a disputa por espaços e a comercialização de produtos congêneres.

Na Praça Alencastro e na Praça Ipiranga é comum os mais antigos se unirem para obrigar os novos ambulantes a irem embora, a procurarem outros locais de trabalho. Na Praça da República a tolerância é maior, talvez porque o número de transeuntes seja bem menor. O que não implica a inexistência de conflitos.

Ademais, entre os ambulantes existe a crença de que após o término das eleições municipais a fiscalização será retomada e não mais se permitirá na região a presença de trabalhadores informais sem a devida autorização dos órgãos legais. Enquanto as eleições não se encerram, há o relaxamento da vigilância, em especial dos ambulantes que vendem mercadorias *made in china* que, de acordo com as leis municipais, devem ser comercializadas somente nos Shoppings Populares. Restrição que não afeta os vendedores de alimentos que podem, junto à prefeitura, regulamentarem suas atividades nos espaços públicos urbanos através da obtenção do Termo de Permissão de Uso (TPU).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se percebe, diante do exposto, é que o ato de caminhar voluntariamente pela cidade, definido por Jacques (2005) como errância urbana, é um método epistêmico que permite pesquisadores (ou quem quer que seja) se familiarizar com os três elementos indissociáveis de quaisquer reflexões relacionadas a antropologia urbana: o espaço escolhido para a investigação empírica, a maneira como a cidade é praticada pelos seus moradores e a rotina/cotidiano nela existente.

Portanto, mesmo que o objeto de estudo não seja a cidade em si, a partir do momento em que ela está inserida no contexto dos sujeitos investigados, torna-se impossível colocá-la de lado (MAGNANI, 2002), o que justifica a importância e o emprego do referido método como forma de trazer à tona a relação entre corpo-cidade e corpo-cidadão, isto é, uma corpografia urbana, quer dizer, “um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo [...] uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta” (JACQUES, 2008, p. 1).

4. REFERÊNCIAS

3 REGIÕES concentram o maior índice de crimes em Cuiabá. **Gazeta Digital**. Cuiabá, 08 abril de 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/3-regioes-concentram-o-maior-indice-de-crimes-em-cuiaba/372724>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

BAZANI, Silvana. Desemprego em Mato Grosso aumenta 9,8%. **Gazeta Digital**. Cuiabá, 20 agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/economia/desemprego-em-mato-grosso-aumenta-98/488098>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BOLLE, Willi. (Org.). **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1986.

BRANDÃO, Ludmila. Da cidade moderna às contemporâneas: notas para uma crítica do urbanismo modernista. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 247-271, jan./jun., 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONTE, Claudio Quoos; FREIRE, Marcus Vinícius de Lamonica. (Org.). **Centro histórico de Cuiabá: patrimônio do Brasil**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

CUIABÁ foi a 22ª cidade mais violenta do mundo em 2015, aponta ONG. **G1 MT**. Cuiabá, 25 janeiro 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/01/cuiaba-foi-22-cidade-mais-violenta-do-mundo-em-2015-aponta-ong.html>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

ESPINHEIRA, Gey. Cultura, cidade e democracia: o jogo da cultura no mundo contemporâneo. O jogo da cultura no mundo contemporâneo. In: RUBIM, Antonio A. Canelas; ROCHA, Renata. (Orgs.). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 191 - 208. (Coleção CULT.).

GESSINGER, Humberto. Ando só. In: ENGENHEIROS do Hawaii. **Várias variáveis**. São Paulo: BMG Brasil, 1991. 1 CD. Faixa 5.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Notas sobre cidade e cultura. In: RUBIM, Antonio A. Canelas; ROCHA, Renata. (Orgs.). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 161-166. (Coleção CULT.).

_____. Corpografias urbanas: as memórias das cidades nos corpos. **Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, v. 10, n. 3, 2008.

_____. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. **Arqtexto**, Porto Alegre, n.7, p. 16-25, jan./jun. 2005.

KASTNER, Tássia. Bancários encerram a greve, mas paralisação segue na Caixa em SP e RJ. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 06 outubro 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/10/1820620-bancarios-de-sp-encerram-a-greve-mas-paralisacao-continua-na-caixa.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LEITE, Rogério P. A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

LEMOS, Vinícius. Conheça a história e as curiosidades do primeiro edifício de MT. **Mídia News**. Cuiabá, 17 julho de 2016. Disponível em: <<https://www.midianews.com.br/cotidiano/conheca-a-historia-e-as-curiosidades-do-primeiro-edificio-de-mt/269106>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MAGNANI, José Guilherme M. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Trad. Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1999. (Coleção Arte & Comunicação.).

MERCURI, Isabela. Obras para restauração do Centro Histórico começam na próxima semana em Cuiabá. **Olhar Direto**. Cuiabá, 11 setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=9225¬icia=obras-para-restauracao-do-centro-historico-comecam-na-proxima-semana-em-cuiaba>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

PAIS, José Machado. Um dia sou turista na minha própria cidade: sociedade, urbanismo e políticas culturais. **Cidades – Comunidades e Territórios**, Lisboa-Portugal, n.º. 18, p. 29-40, jun. 2009.

PEDROLLO, Jandira Maria. **Patrimônio histórico de Cuiabá**. Cuiabá: IPDU, 2010.

PÓVOAS, Lenine de Campos. **História da cultura mato-grossense**. São Paulo: Resenha Tributária, 1982.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. v. 2 Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto/EUFBA, 2007.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). **O fenômeno urbano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SIQUEIRA, Elizabeth M. **História de Mato Grosso**: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2002.

SOARES, Denise. Cuiabá é a 9ª capital mais violenta do país, aponta estudo sobre segurança. **G1 MT**. Cuiabá, 01 outubro de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/10/cuiaba-e-9-capital-mais-violenta-do-pais-aponta-estudo-sobre-seguranca.html>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SUSSEKIND, José Carlos. Amigos e parentes lamentam a morte de Oscar Niemeyer. **G1**. Rio de Janeiro, 06 dezembro de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/amigos-e-parentes-lamentam-morte-de-oscar-niemeyer.html>>. Acesso em: 01 maio 2016.

YUKA, Marcelo; MEIRELLES, Nelson. Brixton, Bronx ou Baixada. In: O RAPPÁ. **O Rappa**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1994. 1 CD. Faixa 5.